

A FILOSOFIA DA COMPOSIÇÃO DE VITOR RAMIL: A ESTÉTICA DO FRIO

HOFF, Patrícia Cristine¹; OURIQUE, João Luis Pereira²

¹ Graduanda em Letras – Português e Inglês e respectivas literaturas, UFPel; paty_hoff@hotmail.com.

² UFPel, Centro de Letras e Comunicação; jlourique@yahoo.com.br.

1 INTRODUÇÃO

Quase vinte anos depois da primeira publicação d'*A Estética do Frio*¹, Vitor Ramil permanece buscando e aperfeiçoando a sua ideia do que seja a forma de compor sulista, mais especificamente do gaúcho, tipo cuja identidade está em constante questionamento. A problemática identitária não é, no entanto, o foco maior da reflexão do autor, e sim um dos elementos – talvez o principal – que o levou a refletir acerca da sua condição de gaúcho e da sua própria produção literária e musical enquanto “homem que veio do frio”. Tendo em vista tais reflexões, esse trabalho objetiva discorrer sobre considerações feitas por Ramil n'*A Estética do Frio* e em textos produzidos desde então, os quais demonstram a constante preocupação do autor com a estética por ele desenvolvida, indicando, de certa forma, o exercício contínuo de repensar a sua própria filosofia da composição².

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

O presente trabalho, resultado parcial de um projeto em fase de desenvolvimento, visa fazer um levantamento de concepções estéticas pensadas e elaboradas por Vitor Ramil ao longo da sua carreira artística, tendo como base o ensaio *A Estética do Frio* e outros textos (não literários) do autor que corroboram com a sua reflexão, além de considerar trabalhos teóricos realizados sob a mesma temática.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando o gaúcho Vitor Ramil pensou pela primeira vez em sua “estética fria”, ele se encontrava no Rio de Janeiro, morando em Copacabana. Ali, em meio ao clima (e espírito) de um Brasil tropical, Ramil vê nas imagens do noticiário um Rio Grande do Sul descrito como lugar quase que peculiar, “de ‘clima europeu” (RAMIL, 1992, p. 1). Imediatamente, o músico e escritor³ se depara com uma situação de profundo distanciamento e mesmo estranhamento ao não se identificar com a naturalidade com a qual fora anteriormente transmitida a reportagem sobre uma multidão seminua seguindo o som do trio elétrico na Bahia. Levado a pensar (nostalgicamente) em na sua terra⁴, Ramil identifica “o frio como metáfora

¹ RAMIL, Vitor. A estética do frio. In: FISCHER, Luis Augusto (Org.). *Nós, os gaúchos*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1992, pp. 262-70.

² Referência direta de Ramil à *Filosofia da Composição* de Edgar Allan Poe é feita em entrevista concedida à Luciana Wrege Rassier, na qual Ramil afirma que o rigor que norteia sua produção vem muito das leituras de Poe. (WREGE RASSIER, 2004, pp. 210-211)

³ Vitor Ramil é autor de dois livros, *Pequod* (1995) e *Satolep* (2008).

⁴ “Vejo o Rio Grande do Sul. Vejo os campos cobertos pela geada na luz branca da manhã, vejo crianças escrevendo com o dedo nos vidros dos carros, vejo homens de pala andando de bicicleta,

amplamente definidora do gaúcho” (p. 2), e passa a considerar a urgência de se delinear uma estética que corresponda à forma de fazer desse povo.

A questão dos costumes e cultura gaúchos, muitas vezes associados a pensamentos separatistas⁵, aponta, segundo Ramil, para o predomínio de uma visão caricata do gaúcho, visão esta que é, ao mesmo tempo, assumida pelo próprio gaúcho e pelo resto do país, dando a esse tipo o *status* de um personagem, submerso em clichês. Ramil salienta, no entanto, que a ideia caricata do gaúcho nada tem a ver com sua cultural, patrimônio que possui um caráter naturalmente, a qual “não deve ser um peso a ser suportado, nem um amontoado de fórmulas estanques a serem repetidas”, mas sim uma trajetória que deve ser “justificada na expressão contemporânea”, promovendo uma herança constantemente atualizada: “tradição em movimento, tradição futura.” (p. 3)

E é partindo do binômio brasileiro-gaúcho que Vitor Ramil cria a sua estética do frio, querendo fazer valer-se dessa espécie de “dupla cidadania”, a ponto de buscar uma assimilação na qual ser brasileiro e gaúcho torna-se “fonte de criação e não de diluição” (p. 4) da sua capacidade artística. A partir daí Ramil inicia a investigação por essa concepção estética, e de imediato vem a ele a música urbana gaúcha. Conseqüentemente, esse olhar recai sobre sua própria produção, a qual, admite, resultava em “um ecletismo infrutífero, faltando-lhe um certo rigor formal, uma linguagem passível de unificar a pluralidade de que se nutria.” (WREGG RASSIER, 2008, p. 109) Ramil tinha a indefinição, e procurava uma estética que definisse melhor o fazer gaúcho.

A reação inicial foi promover uma limpeza no ecletismo musical – “daquilo que se faz meio sem saber por quê.” (RAMIL, 1992, p. 4) No final dessa “faxina”, Ramil percebeu que não havia explorado a milonga, “feita da mesma matéria de que era feita a imagem do gaúcho e do pampa.” (p. 5) Assim, o autor identificou na milonga o gênero o qual capaz de refletir essa concepção de uma “estética fria” por ele pensada.

A milonga possuía a linguagem que Ramil almejava: “uma linguagem altamente definida abrindo um espaço onde a inteligência e a sensibilidade encontrassem um campo radicalmente aberto e irresistível para se expandir.” (p. 4) Essa linguagem, por seu turno, corresponde tanto à musical quanto à literária, uma vez que a relação do artista com ambas não permitia a separação:

[...] o texto também me leva à música. [...] Eu busco compor canções que correspondam ao momento, mas meu sentimento mais profundo em relação a elas é o mesmo que tenho em relação ao que escrevo. [...] Às vezes começo a ler um poema e imediatamente começo a musicá-lo. É uma forma de lê-lo mais profundamente e de nunca mais esquecê-lo. (WREGG RASSIER, 2004, p. 213)

Unir – mais que justapor – literatura e música vem sendo um dos grandes exercícios de Vitor Ramil. Para isso, como quem separa os componentes de uma fórmula, o artista elegeu sete conceitos-chave da sua produção, os quais vêm em iniciais maiúsculas – são *idades*, ao mesmo tempo restritas e amplas. Elegendo a

vejo águas congeladas, vejo gente esfregando as mãos, gente de nariz vermelho, vejo a expectativa de neve na serra, vejo o chimarrão fumegando. Seminu e com calor reconheço imediatamente aquele universo como meu.” (p. 1)

⁵ Ramil já vê o gaúcho separado do Brasil, porém essa separação é influenciada muito mais por um sentimento (“Percebo então o quanto me sinto separado do Brasil” (p. 1)) do que pela simples negação que advém da “mera curiosidade histórica ou de motivos de piadas entre nós [os gaúchos]” (p. 1), referindo-se ao movimento separatista da Revolução Farroupilha e do pensamento que permeia até hoje o imaginário de muitos gaúchos de que o Rio Grande do Sul é um território à parte do Brasil.

milonga como o gênero “frio” por excelência, Ramil identifica com precisão, poucos anos depois do ensaio que deu origem a essa reflexão, os valores estéticos da sua própria estética: Rigor, Profundidade, Clareza, Concisão, Pureza, Leveza e Melancolia⁶. Cada conceito servirá tanto para a linguagem literária quanto musical, que juntas refletem o esforço pela definição da linguagem do artista, alargando-se na própria maneira de criar do gaúcho.

Trilhar o caminho da milonga exigiu que Ramil olhasse não somente para dentro (*Ramilonga*, 1997), mas também através dela. Em *Tambong*, disco lançado em 2000, o artista procura uma síntese na diversidade formadora do povo gaúcho. Para atingi-la, Ramil precisou se localizar:

Eu já acreditava que o Rio Grande do Sul devia tirar proveito de sua posição geográfica e cultural privilegiada, desse centro estratégico que representa, dessa conexão de platinidade e tropicalidade impressa em nosso espírito como um mapa. (RAMIL, 2000)

Na platinidade e tropicalidade Ramil identificou os gêneros que compõem o título do CD, “porque essa palavra contém os sons de tango, samba, bossa, candombe e milonga.” As letras desse disco se distanciam um pouco da literatura, em sua maioria sulista, encontrada em *Ramilonga*⁷, deixando aflorar outras influências do artista, como as duas versões de canções de Bob Dylan⁸ e a música para um poema de Paulo Leminski⁹.

Depois de experimentalismos e hibridismos e dois outros discos (*Longes*, de 2004 e *Satolep Sambatown*, 2007), Ramil retorna por completo às suas sete cidades fundadoras da milonga quando lança *délibáb*¹⁰, em 2010, talvez o seu trabalho musical mais aguçado na busca pela concepção “fria” do gaúcho. Esse disco reúne doze milongas compostas para poemas de Jorge Luis Borges e de João da Cunha Vargas. Justificando a escolha dos dois poetas, Ramil diz: “Borges escreveu sobre o gaúcho e a poesia gauchesca; Vargas foi o próprio gaúcho.” (RAMIL, 2010, p. 2)

Como um artista que reflete sobre a sua própria prática, Ramil, além de retomar os conceitos-base da sua estética fria¹¹, atualiza-a em *délibáb*, quando propõe uma expansão no conceito primeiro da milonga: o rigor. Assim afirma no texto que apresenta o CD:

Hoje, já distante dos tempos reativos iniciais [*A Estética do Frio*, de 1992], uma ideia de vaguidade combinada às da esfera do rigor denota mais claramente o caminho para a busca de uma estética do frio em que frialdade e tropicalidade se conciliem em essência, não como mero encontro de superfície, e gerem uma linguagem-síntese. (p. 4)

No início, o frio como valor estético propunha uma visão rígida, geometrizar do mesmo. Hoje, Ramil amplia esse conceito e entende que a indeterminação e a vaguidade podem unir-se ao rigor formal para comporem

⁶ “Fiz a milonga em sete cidades/ Rigor, Profundidade, Clareza/ Em Concisão, Pureza, Leveza/ E Melancolia”. Trecho da música “Milonga de Sete Cidades (A Estética do Frio)”. In VITOR RAMIL. *Ramilonga – A Estética do Frio*. Satolep Music, 1997.

⁷ Em *Ramilonga* Ramil musicou um poema de Fernando Pessoa (“Noite de São João”), passagens de um conto de João Simões Lopes Neto (“No manantial”) e poemas de gaúchos como Juca Ruivo (“Memórias dos bardos das ramadas”) e João da Cunha Vargas (“Gaudério”, “Deixando o pago”, “Último pedido”). (WREGG RASSIER, 2008, p. 113)

⁸ “Um dia você vai servir a alguém” (versão de “Gotta serve somebody”) e “Só você manda em você” (versão de “You’re a big girl now”).

⁹ “O velho Leon e Natália em Coyoacán”.

¹⁰ O nome do disco é grafado em letras minúsculas para atender ao desejo de Ramil de “aproveitar a sugestão de seu espelhismo gráfico.” (RAMIL, 2010, p. 4)

¹¹ Ver RAMIL, 2010, pp. 3-4.

conjuntamente a estética do frio. O autor percebeu, então, que a indeterminação e a errância da paisagem gaúcha provocadas pelo frio úmido das cerrações também compunham um (outro) elemento determinante na formação do gaúcho, mesmo que essas outras imagens, intercaladas com as do frio seco e enrijecedor, já estivessem presente nas reflexões do artista.

4 CONCLUSÃO

Diante da constante preocupação estética do cantor, compositor e escritor Vitor Ramil com a sua própria trajetória artística acima brevemente explicitada, mostra-se possível considerar a sua estética do frio como uma filosofia da composição, pensada de maneira a nortear aquilo que o autor entende ser a sua forma ideal de compor. Nesse sentido, tal filosofia – tida aqui como um exercício de pensamento em movimento – não se mostra de estilo conceitual e preciso *a la* Poe, uma vez que em Ramil ela se apresenta como uma constante reflexão movida pela sua linguagem ampla e ao mesmo tempo bem delineada, na qual binômios como rigor e vaguidade, concisão e profundidade não são excludentes, e sim fornecem elementos que, dispostos harmonicamente, produzem um todo único e definido.

5 REFERÊNCIAS

- AGOSTINI, Agostinho Luís. **O pampa na cidade: o imaginário social da música popular gaúcha**. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional) – Universidade de Caxias do Sul, 2005. Disponível em: <http://tede.uces.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=130>. Acessado em 28 de julho de 2011.
- RAMIL, Vitor. A estética do frio. In: FISCHER, Luis Augusto (Org.). **Nós, os gaúchos**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFGRS, 1992, pp. 262-70.
- _____. **A Estética do Frio** – Conferência de Genebra. Porto Alegre: Satolep, 2004.
- _____. **délibáb** – milonga de la milonga. (Texto de apresentação do disco “délibáb”, 2010). Disponível em <http://www.vitorramil.com.br/textos/delibab_pt.htm>. Acessado em 19 de junho de 2011.
- _____. **Tambong** (Texto de apresentação do disco “Tambong”, 2000). Disponível em <<http://www.vitorramil.com.br/textos/extras/tambong.html>>. Acessado em 2 de agosto de 2011.
- WREGÉ RASSIER, Luciana. A problemática identitária na “Estética do Frio” de Vitor Ramil. **Antares**, n°. 1. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura Regional da Universidade de Caxias do Sul, jan.-jun. 2008. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/303/263>>. Acessado em 19 de junho de 2011.
- _____. O universo passa na minha rua: entrevista com Vitor Ramil. **Quadrant**, n.21, Montpellier, 2004, p.209-213.